MUDANÇAS CULTURAIS E INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA: UM EXEMPLO

José Luíz Gonzaga do Prado

Os textos da Bíblia, escritos em épocas e ambientes culturais diferentes dos nossos, foram interpretados de maneiras diferentes em diferentes contextos culturais. Um mesmo elefante apalpado por diversos cegos, cada um por uma parte, pode ter tantas descrições quantos foram os cegos que o apalparam. Pode também uma lente cultural diferente provocar uma distorção que vai prevalecer por séculos, enquanto aquela cultura ditar as normas. É o que pretendo ajudar a ver neste exemplo.

O texto é o de Filipenses 2,6-11. Costuma ser chamado de hino cristológico, o que já é uma deformação cultural, pois seria letra de um cântico de especulação teológica sobre a essência do Cristo. Acho, porém, que quem compõe um hino a ser cantado em comunidade não está preocupado em falar de essências, de naturezas, de realidades metafísicas. Está pensando mais em dizer coisas que motivem, que animem, que orientem o comportamento das pessoas. Não está querendo responder às perguntas que a filosofia pode fazer à fé, está respondendo às interrogações que a vida leva para a fé. É, penso, o que quis fazer o autor desse cântico incorporado à Carta aos Filipenses, se é que não foi o próprio Paulo quem escreveu o pequeno poema.

1. A cultura da metafísica

Com a conversão ao cristianismo de filósofos de formação grega, as discussões teológico-metafísicas foram tomando corpo na Igreja. Tertuliano, cerca de 140 anos depois de São Paulo, já precisava escrever: "Cristo não disse: 'A tua erudição te salvou!' mas 'A tua fé te salvou!'" Adiantou pouco. A cultura grega, dada à especulação metafísica, foi entrando cada vez mais fortemente na Igreja, a tal ponto que heresia, ou apresentar de maneira errônea uma doutrina religiosa, passou a ser considerado o maior de todos os pecados.

A diversão era discutir. A pessoa ia comprar pão e se demorava, porque ficava debatendo com o padeiro, por exemplo, se Jesus é *homoiousios*, se tem uma natureza semelhante à de Deus, ou se é *homoousios*, se tem a mesma natureza. A discussão sobre se o Espírito Santo procede do Pai *e* do Filho ou se procede do Pai *pelo* Filho justificou uma divisão na Igreja que perdura até hoje. "Bizantino" é um termo registrado nos dicionários como sinônimo de sutil e frívolo, ou desligado da realidade, alienado. Isso tem origem no conhecido fato: enquanto a cidade de Bizâncio era sitiada pelos turcos, os bizantinos estavam reunidos para discutir ardorosamente se o Espírito

Santo procede do Pai *e* do Filho ou se do Pai *pelo* Filho, indiferentes ao que estava acontecendo à sua cidade. Essa cultura prevaleceu por muitos séculos na Igreja.

2. A Carta aos Filipenses

A Carta aos Filipenses que temos na Bíblia é, a meu ver, uma costura de três cartas ou trechos de cartas diferentes. Policarpo, que viveu apenas cinqüenta anos depois de São Paulo, escrevendo aos filipenses, fala em *cartas* de Paulo a esta comunidade. Se foram três mesmo, em todas elas só se encontra vida. Vejamos:

Lendo com atenção o texto que está na Bíblia, a gente pode notar que Paulo estava preso (em Éfeso) e precisando de dinheiro; os cristãos de Filipos, apesar de sua profunda pobreza (2Cor 8,2), ajuntam um dinheirinho e mandam Epafrodito ir levá-lo a Paulo. Em resposta, Paulo envia-lhes um bilhete de agradecimento, que está, todo ou em parte, no capítulo 4, versículos de 10 a 20 (Carta I).

Epafrodito ficou em Éfeso dando uma força para Paulo e colocando-o a par de como estava a comunidade de Filipos. Caiu doente, porém, passou mal mesmo, mas depois se recuperou. Paulo manda o próprio Epafrodito levar a Filipos uma outra carta, que está completa no texto da Bíblia. É uma carta alegre e cheia de elogios para esta comunidade (Carta II). Desta é que vamos falar mais.

Depois, devemos supor, surgiu o problema daqueles que iam às comunidades fundadas por Paulo para dizer que ele estava errado em não obrigar os novos cristãos a entrarem para a religião judaica através da circuncisão e da observância das práticas religiosas do judaísmo. Paulo fica indignado e manda uma carta da qual temos, quem sabe, um trecho, em 3,2–4,1 (Carta III).

2.1. A Carta II (Fl 1,1–3,1 + 4,2-9 + 21–23)

Ao ditar suas cartas, Paulo seguia uma ordem pouco diferente da que seguimos hoje. Começa com a apresentação dos remetentes e a saudação aos destinatários, depois dá graças a Deus por tudo de bom que está acontecendo na comunidade; em seguida vem o corpo da carta, com o assunto principal; depois, algumas pequenas recomendações particulares, a saudação e os votos finais.

Observando parte por parte, podemos ver quanta vida existe por trás de cada expressão. Os remetentes, Paulo e Timóteo, são escravos de Jesus Cristo; os destinatários, a comunidade cristã, são os santos que estão em Filipos, com seus dirigentes e ministros (1,1-2). Depois Paulo dá graças a Deus pela participação da comunidade na divulgação do Evangelho, pela união que existe na comunidade, pelo carinho, pela ternura e amizade que aquela comunidade lhe devota (1,3-11). As recomendações finais só falam de alegria e de harmonia na comunidade (3,1; 4,2-9.21-23).

2.2. O centro da carta

O corpo, ou parte principal da carta (1,12–2,30), é um todo. Paulo segue aqui a retórica semita, que é a maneira de organizar um discurso ou escrito em blocos paralelos que se correspondem e vão se completando. Não faz divisões e subdivisões do assunto conforme a nossa lógica. Pode dar a impressão de misturar assuntos sem qualquer ordem; mas as partes se correspondem umas às outras e vão completando o desenvolvimento do raciocínio. Paulo segue, aqui, uma ordem que o próprio leitor pode conferir:

A – Notícias da sua prisão e a pregação do Evangelho

B – Conselhos para a comunidade diante do mundo inimigo

C – Conselhos para a vida interna da comunidade

C' – O exemplo de Cristo para a vida comunitária

B' – Conselhos para a comunidade, luz num mundo de trevas

A' – Notícias de Timóteo e Epafrodito e o Evangelho

A – 1,12-26: Notícias de Paulo e o Evangelho (confira na sua Bíblia)

B – *1,27-30: O cristão e o mundo inimigo (em tradução nossa)*

"Apenas exerçam a cidadania[1] de maneira digna da Boa Notícia do Messias, de modo que, se for aí, eu verei; se tiver que ficar longe, ouvirei falar a seu respeito que vocês estão firmes em um só espírito, em uma só alma, lutando juntos pela[2] fé nesta Boa Notícia. Não se apavorem com nada que possa vir dos adversários; para eles será um sinal de perdição, para vocês, de salvação, e isso da parte de Deus. Pois vocês receberam a graça não só de crer no Messias, mas também de sofrer por ele, participando da mesma luta que viram em mim e de que agora ainda ouvem falar a meu respeito.

C – 2,1-4: A vida cristã na comunidade

Se na Comunidade Cristã[3] já existem, pois, coisas que me reanimam, se o amor já é um remédio, se estamos espiritualmente unidos, se existem ternura e compreensão, completem a minha alegria, tendo todos a mesma preocupação, o mesmo amor, a mesma animação, todos pensando uma só coisa, nada por ganância, nada por vaidade; ao contrário, com humildade cada um considere os outros superiores a si

1. Literalmente seria "cidadaniem-se".
2. Significando ou "em favor da..." ou "movidos pela...".
3. Literalmente *"em Cristo"*.

mesmo, e que ninguém lute pelo seu, mas pelo dos outros. Tenham entre vocês as mesmas disposições que há em Cristo Jesus:

C' – 2,6-11: é viver como Cristo

Mesmo tendo vindo à existência[4] *como imagem (ou forma) de Deus, ele não achou que o*[5] *ser igual a Deus fosse coisa a ser arrebatada; ao contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a imagem (ou forma) de escravo, feito semelhança dos homens; e, encontrando-se em situação plenamente humana, ainda humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso Deus o superexaltou e concedeu-lhe o título que está acima de qualquer outro título, para que, diante desse título que Jesus tem, dobrem-se todos os joelhos por todo o céu, por toda a terra e debaixo da terra, e que toda língua confesse que Jesus Cristo é* Senhor *para a (na) glória de Deus Pai.*

B' – 2,12-18: O cristão no mundo de trevas

Assim, então, meus amados, como vocês sempre obedeceram, não só na minha presença, mas, agora, muito mais na minha ausência, com apreensão e com cuidado, trabalhem firmes pela própria salvação. Pois é Deus quem trabalha em vocês tanto o querer como o realizar em favor do Projeto[6]*. Façam tudo sem reclamar e sem vacilar, para que possam aparecer sem mancha, sem contaminação, como filhos de Deus sem nada a corrigir, no meio de uma geração corrupta e perversa, onde vocês brilham como lâmpadas no mundo, agarrados à Palavra que é vida. Assim eu estarei garantido no Dia do Cristo, pois não foi por nada que corri, não foi à toa que me esforcei. Se meu sangue for derramado em cima do altar como uma liturgia pela sua fé, hei de ficar contente e alegrar-me com todos vocês. Fiquem também contentes e alegrem-se comigo".*

A' – 2,19-30: Notícias de Timóteo e de Epafrodito e o Evangelho (confira na sua Bíblia)

2.3. A função do Hino

O trecho C', que seria o chamado hino cristológico, tem um papel bem claro e definido: é mostrar, no comportamento do Messias Jesus, que é possível a gente se esquecer de si e pensar primeiro nos outros, que é possível também a gente se colocar em último lugar, abaixo de todos os outros. São os dois conselhos que ele deu no trecho

4. Neste sentido Paulo usa o verbo *hyparchein* duas vezes no capítulo 11 de 1Cor (v. 7, falando do homem que começou a existir como imagem de Deus; e v. 18 falando das divisões que começam a aparecer na comunidade).

5. O artigo antes do infinitivo indica que se trata de algo citado há pouco ou bem conhecido; por exemplo: "O amar ao próximo" refere-se àquele amar ao próximo conhecido, objeto do mandamento. Aqui o "ser igual a Deus" deve referir-se ao conhecido "ser igual a Deus", sugerido a Eva pela serpente. Cf. BLASS-DEBRUNNER. *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1961, 399.

6. A palavra grega *eudokia* = "boa vontade", "bem-querer", sem outra especificação que o artigo, tem o significado concreto de o Plano ou Projeto de Deus.

C: para completar a alegria do Apóstolo, para a comunidade atingir a plenitude de sua realização, cada um deve se considerar o último e estar a serviço de todos, nada por ganância, nada por vaidade. Difícil? Impossível? Não, aí está o exemplo de Jesus (C').

No trecho B ele tinha dito que essa comunidade deve ficar feliz com as dificuldades e perseguições do mundo inimigo; e no trecho B' vai dizer que ele deve ser um holofote a iluminar as trevas da perversidade e da corrupção dominantes, e que este serviço ao mundo é o objetivo final pelo qual vale a pena dar o sangue. O serviço ao mundo (B e B') depende do que se vive dentro da comunidade (C) e que tem seu fundamento em Jesus, escravo da humanidade e último dos homens (C'). Medo não precisa ter (B), porque Jesus foi exaltado e ganhou o título de Senhor (C').

As dificuldades, desafios, invejas e incompreensões que a prisão de Paulo provoca (A), assim como a dedicação sincera de Timóteo, as dúvidas quanto à situação de Paulo e os sofrimentos e preocupações com a doença de Epafrodito (A'), tudo isso ganha sentido na figura de Jesus escravo, obediente e humilhado, agora exaltado como Messias e Senhor.

Assim a própria retórica semita, a organização desta parte central da carta, mostra que Paulo está falando de Jesus neste pequeno poema, apenas para dar força e incentivar os membros da comunidade cristã a viverem entre si com critérios totalmente diferentes dos deste mundo de ganância e vaidade. Só assim a comunidade cristã poderá ser luz para o mundo.

2.4. O próprio texto

O texto carece de algum comentário. *Jesus veio à existência como forma ou imagem de Deus.* Adão era imagem e semelhança de Deus, "Jesus é o segundo Adão", um pensamento caro a Paulo. Os rabinos daquele tempo viam em Adão o protótipo da humanidade, o homem perfeito; diziam até que ele tinha cinqüenta metros de altura[7]. Jesus, o pobre galileu crucificado que se revela como o Messias ou Cristo e recebe de Deus na ressurreição o título de Senhor, é a forma ou imagem de Deus mais ainda que Adão. Jesus como Cristo (Messias) e Senhor questiona os donos deste mundo. Por isso, o deus deste mundo não quer que apareça a Boa Notícia da sua glória como imagem de Deus (2Cor 4,4-6[8]).

Não achou que o ser igual a Deus fosse coisa a ser arrebatada. "Sereis iguais a Deus, conhecedores do bem e do mal" soprou a serpente. Foi este "ser igual a Deus"

7. BONSIRVEN, Joseph. *Textes Rabbiniques des deux premiers siècles chrétiens.* Roma: PIB, 1955, n. 217. Idéias semelhantes se encontram em Fílon e outros escritores do período intertestamentário (*apud* J. MURPHY-O' CONNOR. *A Antropologia Pastoral de Paulo.* São Paulo: Paulus, 1994, p. 41).

8. Notar como o contexto todo desse trecho é muito semelhante ao nosso. São as mesmas idéias do mesmo Paulo.

que Jesus não pretendeu roubar. Adão quis arrebatar a igualdade com Deus porque era dele imagem e semelhança. Jesus, como ou mais que Adão, é forma ou imagem de Deus, mas prefere ser *imagem* de escravo *e semelhança* dos homens comuns.

Adão, segundo os rabinos dos dois primeiros séculos, desobedeceu ao único mandamento negativo[9] e atraiu para as gerações subseqüentes a morte e um mundo de desgraças; Jesus *"se fez obediente até à morte"*. O pretender o ser humano ser igual a Deus, conhecedor do bem e do mal, é que introduz no mundo a perversidade, a lei do mais forte, a corrupção e a morte. Jesus abre para a humanidade o caminho contrário, o caminho da vida que está em não querer se aproveitar, nem buscar aquele ser igual a Deus, mas fazer-se escravo e colocar-se a serviço até a extrema humilhação de um condenado à morte maldita (Dt 21,23), *a morte de cruz*.

Algo muito semelhante ao que se diz aqui, nos versos deste cântico incorporado à Carta aos Filipenses, encontramos na conhecida comparação que Paulo faz entre Cristo e Adão na Carta aos Romanos (Rm 5,12-21). Ela se resume numa afirmação: Com a desobediência de Adão, o pecado e a morte entraram no mundo; com a obediência de Jesus, entraram a graça e a vida.

Da segunda parte do hino, a parte da exaltação, cabe ressaltar apenas que é na ressurreição que o pobre, servidor e humilhado Jesus adquire o título de *Senhor*. Senhor não é mais o Imperador Romano ou qualquer outro dos pretensos donos deste mundo; Senhor é ele por causa da sua humildade e do seu serviço. *Na, para, com,* ou *pela glória de Deus Pai* (o grego do Novo Testamento suporta todas essas interpretações) ele é o Senhor de um novo Império, um mundo novo governado não pela ganância e pela vaidade, mas pela humildade e serviço ao outro.

3. A força da cultura metafísica

A influência da cultura grega dominante sobre o cristianismo fez deste hino uma tese sobre a essência do Cristo. As palavras do hino passaram a ter significado técnico da filosofia aristotélica e deixaram de ser reminiscências bíblicas da cultura onde foram criados os versos. Assim, as palavras *forma e semelhança* não lembram Adão, imagem e semelhança de Deus. *Forma* passou a significar "forma substancial", natureza, condição essencial; enquanto que *semelhança (dos homens)* ficou meio perdida, uma palavra de explicação difícil dentro deste mundo de conceitos: Seria Jesus apenas semelhança, aparência humana?

O ser igual a Deus veio a ser "a *sua* igualdade metafísica com Deus"; e *não achou que podia ser arrebatado* virou "não pensou em guardar ciosamente", com forte contorção lingüística, mas sem qualquer alusão ao episódio bíblico de Adão.

9. ID. *ib.*, n. 171.

A cultura metafísica fez com que uma das mais antigas traduções latinas da Bíblia introduzisse uma pequena palavra que não existe no original grego: "*se* esse aequalem Deo", "o ser *ele* igual a Deus". Isso não está no original, porém não se encontra hoje uma tradução que não deixe de entender essa "igualdade com Deus" como a "condição divina" anterior de Jesus, definida no Concílio de Nicéia trezentos anos depois, e não "aquela igualdade com Deus" que Adão pretendeu roubar. Isso mostra o quanto a cultura metafísica influenciou e continua influenciando na Igreja. Há a impressão de que a última encíclica do Papa supõe que fé seja o simples assentimento a afirmações doutrinais e não a confiança em um guia, e que está defendendo exatamente a permanência dessa cultura no ensino católico.

4. Uma outra cultura

O mundo hoje é outro, essas discussões filosóficas não fazem mais sentido, nada dizem. Christian Duquoc[10] afirma: "A mutação inscreve-se essencialmente no poder de interrogação das filosofias gregas: é um elemento de investigação no debate erudito, ocupa universitários, não faz mais sentido. ...as tradições que geraram o Ocidente são consideradas como não tendo mais nenhum peso na busca do verdadeiro e na definição do sentido. Elas são objeto de arqueologia. Interessam, portanto, na medida em que as investigações eruditas sobre o nosso passado excitam a nossa curiosidade. Dessas tradições não poderá surgir nenhum futuro para a nossa civilização, elas estão fora de jogo".

Que verdade, no entanto, e que sentido poderiam ter, no mundo globalizado e entregue à "mão invisível do Mercado", as frases deste pequeno hino de um insignificante grupo de pessoas que, há mil novecentos e cinqüenta anos, se reunia na periferia de Filipos na Macedônia, a fim de celebrar como Messias um judeu crucificado em Jerusalém vinte e poucos anos atrás?

F.A. Hayek, o "papa do neoliberalismo", ao receber o prêmio Nobel de economia em 1974[11] fez uma exegese do relato bíblico do pecado de Adão, a partir da religião do Mercado. "Sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal", sugeriu a serpente. Para Hayek, isso significa que o mal raiz de todos os males (o pecado original) é pretender conhecer o Mercado e, em conseqüência, tentar interferir nele, por exemplo, para salvar empregos, para impedir que pessoas morram à míngua. Mercado significa ganância e competição. É isso que deve governar o mundo com sua "mão invisível" ou sua providência divina, que o Mercado é um deus. Pecado é pensar que se conhecem os caminhos do Mercado, e tentar impedir que sua "mão invisível" atue livremente; pecar é querer evitar os "sacrifícios" que Ele possa exigir.

10. Fé cristã e amnésia cultural, in: *Concilium*, fasc. 279 (1999/1), p. 132.

11. *Apud* JUNG MO SUNG. O Mal na Mentalidade de Livre Mercado, in: *Concilium*, fasc. 273 (1997/5), p. 33-43.

O contraste é evidente, o pequeno hino daquela minúscula comunidade diz exatamente o oposto. A igualdade com Deus, objeto de furto da parte de Adão, é o ser humano julgar-se no direito de servir-se em vez de servir (C'), é fazer da competição e da ganância os inspiradores das relações humanas (C). O mundo *(kosmos)*, esta ordem que atualmente governa a sociedade humana, é de trevas, geração corrupta e perversa (B'), inimiga daqueles que procuram exercer sua cidadania de maneira digna do Messias crucificado, crendo nele como Boa Notícia, lutando firmes e unidos, dispostos a sofrer como ele (B).

O pequeno hino como tal torna-se ponto de partida para um outro modelo de sociedade. O que pode criar uma sociedade plenamente humana e sem sacrifícios impostos aos mais fracos, não é a competição e a ganância, é cada um assumir o próprio sacrifício do serviço e da humildade. Adão, segundo os antigos escritores do tempo de Paulo, era o ser humano perfeito, imagem de Deus invisível. Com a cobiça (Rm 7,7-8), porém, ele desfigurou a humanidade. Jesus, novo Adão, se desfigurou na obediência e na humilhação para não desfigurar a humanidade. Seus seguidores são luzeiros neste mundo de trevas. E ele próprio se torna Senhor em um mundo governado não pelo Mercado ou pelo Dinheiro, mas pelo Pai.

José Luiz Gonzaga do Prado
C.P. 159
37800-000 Guaxupé, MG